

**DO LATIM *-ENTUS* AO PORTUGUÊS *-ENTO*: UMA LEITURA
MORFOSSEMÂNTICA ORIENTADA PELA MORFOLOGIA
CONSTRUCIONAL
FROM LATIN *-ENTUS* TO PORTUGUESE *-ENTO*: A
MORPHOSEMANTIC READING BASED ON CONSTRUCTIONAL
MORPHOLOGY**

Natal Almeida Simões Neto¹

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise das palavras derivadas com os sufixos adjetivais portugueses *-ento* (*fedorento, bolorento, avarento, caspento, nojento, amarelento, rabugento, sarnento, odiento*) e *-lento* (*sonolento, purulento, flatulento, macilento, violento, opulento, sanguinolento*), em perspectiva histórica e construcional. Na Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010; GONÇALVES, 2016; SOLEDADE, 2018; TAVARES DA SILVA, 2019), a noção de construção morfológica envolve um pareamento de forma, função e significado. Por isso, o trabalho descreve aspectos variados, como a categoria lexical da base, a categoria lexical do derivado e o comportamento polissêmico do esquema de sufixação. No que toca aos aspectos históricos, a análise parte das formas latinas *-entus/-lentus*, com dados de um dicionário bilingue latim-português, passa pelo português arcaico (séculos XIII a XVI), a partir dos dados de Soledade (2005), e chega ao português mais atual, a partir de um conjunto de dados extraídos de um dicionário da língua portuguesa contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Sufixação; Adjetivos; Polissemia; Morfologia construcional; Morfologia histórica.

ABSTRACT

This paper proposes an analysis of derived words with the Portuguese adjective suffixes *-ento* (*fedorento, bolorento, avarento, caspento, nojento, amarelento, rabugento, sarnento, odiento*) and *-lento* (*sonolento, purulento, flatulento, macilento, violento, opulento, sanguinolento*) in a historical and constructional perspective. In Construction Morphology (BOOIJ, 2010; GONÇALVES, 2016; SOLEDADE, 2018; TAVARES DA SILVA, 2019), the notion of morphological construction is constituted by pairing of form, function and meaning. Therefore, this paper describes different aspects, such as the lexical category of the base element, the lexical category of the derivative element, and the polysemic behavior of the suffixation scheme. Regarding historical aspects, the analysis starts from the Latin *-entus/-lentus* forms, with data from a bilingual Latin-Portuguese dictionary, follows through archaic Portuguese (13th to 16th centuries), with data from a doctoral thesis on nominal suffixation in this period (SOLEDADE, 2005), and reaches the most current form of Portuguese, based on a set of data extracted from a dictionary of contemporary Portuguese language.

KEYWORDS: Suffixation; Adjectives; Polysemy; Constructional Morphology; Historical Morphology.

¹ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia. Atualmente, está como professor substituto na Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: nativalneto@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7972-2396>.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, serão analisadas palavras derivadas com *-ento/-lento* na história da língua portuguesa, partindo da forma inicial latina *-entus/-lentus*. O alicerce teórico utilizado para tal empreendimento é a Morfologia Construcional, modelo que vem sendo desenvolvido por teóricos, como Booij (2010, 2017), Gonçalves (2016), Simões Neto (2017), Soledade (2018, 2019) e Tavares da Silva (2019).

Segundo Rio-Torto (2016), o sufixo *-ento* opera na criação de adjetivos denominais cujos significados gerais costumam ser caracterizados pela ‘posse intensiva’ e pela ‘valoração negativa’. Alguns dados citados por essa autora são: *barrento*, *catarrento*, *lamacento* e *ciumento*. Nesses exemplos, vê-se que o significado da palavra derivada ressalta, não raramente de maneira negativa, o significado da base. Ainda que não faça um tratado específico sobre as formas com *-lento*, Rio-Torto (2016) menciona que o sufixo *-ento* pode operar sobre bases eruditas, dando como um dos exemplos a forma *sonolento*. Dessa exemplificação, pode-se supor que a autora considera *-ento* e *-lento* variantes de um mesmo sufixo. A forma *-lento* pode ser considerada [+erudita], ao passo que o *-ento* é [-erudita]. O entendimento de *-ento* e *-lento* como variantes sufixais norteará também este artigo, que mostrará como a variante *-lentus* era mais produtiva na língua latina (WHITE, 1858; COOPER, 1865; OLCOTT, 1895; ERNOUT, 1949), em detrimento da forma *-entus*. Essa situação se inverteu já nos primeiros momentos da língua portuguesa, o português arcaico (do século XII a meados do XVI), e assim seguiu nos períodos subsequentes.

A análise empreendida se dividirá em três momentos. O primeiro considerará as palavras latinas sufixadas com *-entus* e *-lentus*. As formas analisadas foram extraídas do Dicionário de Latim-Português, da Porto Editora (2012), que remete ao latim clássico. No segundo momento, o artigo enveredará pelo português arcaico, reanalisando os derivados em *-ento* levantados por Soledade (2005), que, em sua tese de doutorado, forneceu um *corpus* de referência para a análise do paradigma sufixal nominal desse período da língua. Por último, serão analisados verbetes do Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa (DHELP), de Houaiss e Villar (2009), operando com informações acerca de etimologia e datação. O cotejo entre os três momentos da análise permitirá fazer considerações acerca da mudança linguística na perspectiva da Morfologia Construcional, linha investigativa que tem se revelado produtiva nos desenvolvimentos dessa teoria no Brasil.

Feitos esses comentários iniciais, do ponto de vista estrutural, o artigo se apresentará da seguinte maneira: (i) a seção 1 fará uma breve apresentação da abordagem construcional da morfologia; (ii) a seção 2 trará comentários sobre trabalhos anteriores os sufixos *-ento* e *-lento* foram analisados; (iii) a seção 3 apresentará a análise dos dados de língua latina; (iv) a seção 4 trará uma releitura dos dados de Soledade (2005); (v) a seção 5 proporá uma análise para as palavras vistas no DHELP. Após as análises, serão feitos os comentários finais, seguidos das referências.

1 Fundamentos teóricos da Morfologia Construcional

A Morfologia Construcional é um modelo teórico-descritivo que se desenvolveu no âmbito da Linguística Cognitiva. É uma proposta de análise morfológica que se centra na noção de ‘construção’ como um pareamento de forma e função (GOLDBERG, 1995). O principal expoente dessa teoria é o linguista holandês Geert Booij, em cujo livro *Constructional Morphology* (BOOIJ, 2010), apresentam-se os pressupostos do modelo.

No Brasil, a Morfologia Construcional vem conquistando um espaço de destaque nos estudos morfológicos de língua portuguesa, destacando-se as considerações de estudiosos, como Gonçalves (2016), Simões Neto (2017, 2018, 2020), Soledade (2018, 2019) e Tavares da Silva (2019). Esses autores brasileiros têm procurado analisar variados aspectos da morfologia lexical

do português, apontando tanto as vantagens quanto as lacunas do modelo, quando aplicado a essa língua.

Na Morfologia Construcional, é central a noção de *esquema*. O conceito diz respeito às generalizações formais, funcionais e semânticas que os falantes fazem das construções em uso na língua. Por exemplo, um falante do português brasileiro, exposto a compostos morfológicos, como *camelódromo*, *fumódromo*, *kartódromo*, *maconbódromo*, *protéstódromo* e *sambódromo*, é capaz de abstrair um esquema em que se veem as seguintes informações: (i) há uma recorrência da sequência fonológica /**2** **2** **2** **2** **2** **2** U/na posição final; (ii) essa sequência fonológica é um formativo da língua que opera sobre bases substantivas; (iii) o produto dessa operação é sempre um substantivo; e (iv) o significado da palavra construída aponta para um locativo onde se realiza algum tipo de atividade. O esquema abstraído pelo falante pode ser representado como em (a):

$$(a) \quad <[X_{si}] \text{ -ódromo}]_s \leftrightarrow [\text{LOCAL ONDE SE REALIZA ATIVIDADE RELACIONADA A SEM}_{si}]_s >$$

Na representação em (a), o (< >) indica a delimitação da construção, e o (\leftrightarrow) sinaliza a relação entre o polo formal e o polo semântico, o que realça a interface constante entre Semântica e Morfologia, no âmbito do modelo. A Morfologia Construcional tem se mostrado bastante versátil, dando conta de uma gama de fenômenos morfológicos, como a sufixação, a prefixação, a composição e processos não concatenativos de formação de palavras, como cruzamentos vocabulares, reduplicações e splinters (GONÇALVES, 2016).

Como exemplificação de aplicação aos processos não concatenativos de formação de palavras, podem ser tomados como exemplos os construtos com o formativo *cherno-* (*chernoboy*, *chernogay*, *chernobeijo*, *chernosapa*, *chernocurso*), muito usual nas falas de pessoas LGBT. Nessas realizações, o *cherno-* é um splinter, um pedaço da palavra *Chernobyl*. Não se trata de um morfema nos termos estruturalistas clássicos, ainda que a recorrência das formações dê essa impressão. A ocorrência desses construtos está associada à categorização de pessoas, ambientes e relacionamentos como tóxicos. Assim, a experiência com o desastre de Chernobyl é metaforizada pelo falante em um esquema que pode ser representado, como em (b):

$$(b) \quad <[cherno-X_{si}]_s \leftrightarrow [SEM_{si} \text{ TÓXICO/QUE FAZ MAL}]_s >$$

Com os exemplos utilizados, pode-se ver que a Morfologia Construcional tem colocado a semântica em uma posição relevante no plano dos estudos morfológicos, uma vez que não se pode dispensar a descrição do polo do significado. Mesmo com esse grande passo, o modelo ainda carece de melhores explicitações acerca de como alguns aspectos da Semântica repercutem na construção morfológica, fazendo com que, não raramente, as análises desenvolvidas na perspectiva construcional considere ensinamentos da chamada Semântica Cognitiva.

2 Propostas de leituras do sufixo *-ent-/-lent-*: trabalhos anteriores

Na língua portuguesa, o sufixo *-ento* convive com o cognato *-lento*. Ambos se desenvolveram do latim *-ulentus*, sendo o *-ento* um provável desenvolvimento do latim vulgar, ao passo que o *-lento* teria advindo da tradição medieval culto-literária. Para se entender melhor essa questão histórica, faz-se necessário considerar o que dizem os trabalhos sobre a formação de palavras na língua latina, como White (1858), Cooper (1895), Olcott (1898) e Ernout (1949).

White (1858), em obra fundamental sobre os sufixos latinos, explica que o sufixo *-lentus* atuava em processos derivativos a partir de temas substantivos, formando adjetivos cujos significados principais eram ‘abundante em’ e ‘cheio de’. Com menor frequência, havia também os significados de ‘propenso a’ e ‘passível de’. Alguns dos exemplos mencionados por White (1858) são: *corpulentus* (corpulento; que tem o corpo grande, largo), *potulentus* (propenso a beber; bebível), *fraudentus* (fraudento; enganoso), *pulverulentus* (pulverulento; muito empoeirado), *turbulentus* (turbulento; perturbador), *sanguinolentus* (sanguinolento; cheio de sangue) *opulentus* (muito rico; opulento), *vinulentus* (cheio de vinho; intoxicado) e *violentus* (violento).

Os dados de derivados em *-lentus* apresentados por White (1858) sugerem uma prototipicidade das bases substantivas nessas formações, e os derivados ressaltam as noções de *provenimento*, *abundância* e *posse*. White (1858) não faz qualquer comentário sobre as vogais que antecedem o sufixo *-lentus* nas construções latinas. Também não comenta a variante *-entus*.

A ausência de menção ao *-entus* é igualmente percebida nos trabalhos de Cooper (1895) e Olcott (1898), que se restringem basicamente a apresentar um conjunto de palavras formadas com *-lentus* em variados textos latinos, sem darem maiores explicações. Cooper (1895) comenta que o *-lentus*, assim como o *-bundus*, é um sufixo arcaico e vulgar que atua na formação de adjetivos. Exemplos de palavras encontradas em textos latinos foram: *fraudentus*, *luculentus*, *lutulentus*, *opulentus*, *potulentus*, *pulverulentus*, *turbulentus*, *uinulentus*, *uiolentus*, *macilentus*, *pisulentus*, *truculentus*, *farinulentus*, *glebulentus*, *iussulentus*; *pompulentus*. Não há no texto de Cooper (1895), qualquer explicação dos aspectos semânticos dessas formações. Olcott (1898), com abordagem similar, apenas lista palavras encontradas com o sufixo *-lentus*, também apresentando-o juntamente com o sufixo *-bundus*. Os exemplos mencionados por esse autor são: *cretulentum*, *opulentus*, *turbulentus* e *violentus*.

Ernout (1949), em artigo sobre os sufixos latinos *-osus* e *-ulentus*, analisa esses elementos conjuntamente, pelo fato de haver, em latim, muitas formas duplas em que *-osus* e *-ulentus* operam sobre as mesmas bases. Além disso, há uma proximidade semântica entre eles, visto que as palavras derivadas com os dois sufixos costumam apresentar o significado ‘abundante de’. Ernout (1949) menciona ainda que linguistas modernos da época vinham defendendo que palavras, como *aquosus*, *animosus*, *fluctuosus*, *generosus*, *corpulentus*, *faeculentus*, *opulentus*, *purulentus*, *somnulentus* e *suculentus*, eram compostas, não derivadas, posição com a qual o autor não concorda.

Explica Ernout (1949) que, ao contrário do que se viu com o concorrente *-osus*, o sufixo *-ulentus* não adquiriu expressiva produtividade, tendo sido atestadas cerca de cinquenta palavras com esse formativo. É um sufixo que aparece nos textos mais antigos latinos; essa constatação aproxima a leitura de Ernout (1949) da de Cooper (1895).

Quanto à estruturação das palavras derivadas, Ernout (1949) explica que *-ulentus* opera sobre temas substantivos de todas as declinações latinas²: *corpulentus* (de *corpus*, 3ª declinação), *faeculentus* (de *faex*, 3ª declinação), *opulentus* (de *ops*, 3ª declinação), *purulentus* (de *pus*, 3ª declinação), *somnulentus* (de *somnus*, 2ª declinação), *suculentus* (de *sucus*, 2ª declinação), entre outras.

Contribuição importante da leitura de Ernout (1949) aparece, quando o autor sugere que *-ulentus* é um sufixo complexo que se origina de outros dois sufixos latinos: *-ul-*, que denota atividade ou propensão em derivados deverbais, como *bibulus* ‘que bebe, que gosta de beber’, *credulus* ‘que crê com facilidade’; e *-entus*, que aparece, por exemplo, em *cruentus* ‘cheio de sangue’. Dessa maneira, pode-se compreender que o entendimento de Ernout (1949) é de que havia dois sufixos latinos (*-ul-* e *-entus*) que, dada a frequência da realização conjunta, foram interpretados como sufixo único³ (*-ulentus*). Nesse caso, o *-entus* precederia o *-ulentus*.

² O Quadro 1, na seção 3, apresenta uma maior variedade de declinações.

³ Esse é um fenômeno muito recorrente na história da morfologia do latim e das línguas neolatinas. Veja-se o que explicam White (1858), Viaro (2011) e Simões Neto (2018), sobre o sufixo latino *-arius*; White (1858) e Freitas (2015), sobre o sufixo latino *-mentum*; e Soledade (2005), sobre os sufixos portugueses *-ncia*, *-dor* e *-aria*.

Outra possível explicação para a variante *-entus* no latim é dada por Gallarín (2018), como se pode ver na citação a seguir:

-LENTO é ressegmentação do sufixo latino -ULENTUS (*succulentus, pulverulentus*), do qual procede -LENTO, que denota abundância [...]. Tanto Malkiel como Pharies consideram um feito decisiva nesse processo que tenha existido o diminutivo *buccula* ‘boquinha’, de onde *buccul-entus* ao invés de *bucc-ulentus*. Essa interpretação teria originado a redução por perda do segmento -UL-.

Não é fácil assegurar uma estrutura morfológica a certas palavras: *virulento*, associado a *virus*, é um cultismo que deriva do latim *virulento* [...], também temos de buscar a origem de *macilento, vinolento*, no latim. A analogia justifica a aparição de palavras cuja estrutura resulta relativamente opaca: *flatulento, forçolento* [...], *friolento, tremulento, sonolento* (em desuso) (GALLARÍN, 2018, p. 641, tradução nossa⁴, grifos da autora).

Com base nesse trecho de Gallarín (2018), pode-se entender que, inicialmente, o sufixo latino é *-ulentus*, como se pode ver nas segmentações das formações *suc-ulentus* (base: *sucus*, -i ‘suco’) e *pulver-ulentus* (base: *pulvis*, -eris ‘poeira’). Outros autores mencionados na citação consideraram decisiva a palavra *bucculentus*, que teria gerado uma análise dúbia: seria a base *bucca*, e o sufixo *-ulentus*? Ou seria a base *buccula*, e o sufixo *-entus*? A possibilidade dessa reanálise teria feito com que a compreensão do formativo se expandisse, e novas formações teriam aparecido por analogia. Nesse caso, diferentemente da visão de Ernout (1949), o *-ulentus* precederia o *-entus*.

O primeiro problema da proposição citada por Gallarín (2018) é a especificidade dada à palavra *bucculentus*. Nada impede que uma palavra específica atue decisivamente para uma nova depreensão de um formativo. Porém, o fato de a análise não se sustentar com outras palavras dificulta a assunção dessa hipótese de forma categórica. O segundo problema da formulação é a improbabilidade semântica. Como e por que uma base *buccula* ‘boca pequena’, de significado diminutivo, derivaria uma palavra cujo significado destaca a característica de ter a boca grande? Esse processo morfológico parece improvável.

Cabe ressaltar que a reanálise da formação morfológica não é impossível, nem mesmo improvável. Poderia, inclusive, explicar a convivência das variantes sufixais *-ulentus, -lentus* e *-entus* na língua latina. É preciso, no entanto, ter um controle temporal mais rígido para se determinar qual realmente foi a evolução do formativo.

Compreender a existência de um sufixo inicial *-ulentus* ajuda a entender historicamente o porquê de formações, como *suculentus* ‘suculento’, *bucculentus* ‘que tem a boca grande’ e *pulverulentus* ‘pulverulento, cheio de poeira’, não serem classificadas como compostos morfológicos (ex: *homicidium* ‘homicídio’, *agricola* ‘agrícola’, *belligerum* ‘beligeros’, *fructiferum* ‘frutífero’) em manuais de morfologia da língua latina, ou mesmo de língua portuguesa.

Na percepção sincrônica de um falante do português, poderia haver a compreensão de que *suculento, corpulento* e *pulverulento* são compostos morfológicos, com bases presas (*suc-*; *corp-*; *pulver-*), uma vogal de ligação (*u*) e uma base livre (*lento*). O /◆/ que aparece nessas formações poderia ser considerado uma vogal de ligação. No âmbito da sincronia, é admissível se pensar assim. Porém, historicamente, isso não se sustenta, a partir do momento em que se entende que a

⁴ “-LENTO es ressegmentación del sufixo latino -ULENTUS (*succulentus, pulverulentus*), del que procede -LENTO, que denota abundancia [...]. Tanto Malkiel como Pharies consideran un hecho decisivo en este proceso que existiera el diminutivo *buccula* ‘boquita’, de donde *buccul-entus* en lugar de *bucc-ulentus*. Esta interpretación habría originado la reducción por pérdida del segmento -UL-.

No es fácil asignar una estructura morfológica a ciertas voces: *virulento*, asociado a *virus*, es un cultismo que deriva del latín *virulento* [...], también hemos de buscar el origen de *macilento, vinolento*, en el latín. La analogía justifica la aparición de palabras cuya estructura resulta relativamente opaca: *flatulento, forçolento* [...], *friolento, tremulento, soñolento* (desus)” (GALLARÍN, 2018, p. 641, grifos da autora).

vogal integra o sufixo. Além da inviabilidade do ponto de vista histórico, há um problema de ordem semântica, uma vez que não há na rede semasiológica do sufixo *-lentus/-lento* um significado que se relacione com a rede semasiológica do adjetivo *lentus/lento*. Dessa forma, não há razões para duvidar do estatuto morfológico de sufixo derivacional nas variantes *-ulentus~ -lentus~ -entus* do latim, tampouco de *-lento~ -ento*, correspondentes no português.

Em relação aos desenvolvimentos do sufixo latino no português, destacam-se os comentários de Said Ali (1964), na *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, e de Rio-Torto (2016), na *Gramática Derivacional do Português*. O gramático histórico aborda conjuntamente as formas *-lento* e *-ento*. Vejam-se as palavras de Said Ali (1964):

-LENTO, -ENTO

Ocorre o primeiro destes sufixos em *opulento, corpulento, sonolento, turbulento* e outras herdadas do latim ou modernamente tomados a este idioma pela linguagem culta. Postos de parte tais vocábulos, verifica-se que estancou a produtividade do sufixo *-lento*. *Flatulento*, que veio provavelmente por intermédio do francês, e *famulento* são exceções. Fecundo se tornou, pelo contrário, *-ento* do latim *-entus* (ex. *cruentus*), formativo escassamente usado na língua-mãe. A sua significação varia; pode denotar “ter a qualidade de”, “estar cheio de”, “ter a semelhança de”, “ser propenso a” etc., como se vê cotejando os seguintes exemplos: *vidrento, gosmento, barrento, bulbento, sarnento, peçonhento, rabugento, verrugento, pardacento, alvacento, cinzento, aguacento, lamacento, resinento, odiento, ciumento, crapulento, ferrugento, bolorento, bexiguento, nojento, musguento, natento, farinhento, sebento, pachorrento, areento, gafeirento, fedorento* etc (SAID ALI, 1964, p. 246-247, grifos do autor).

Nessa passagem, Said Ali (1964) aponta que a forma *-lentus* é mais produtiva no latim, e os derivados portugueses em *-lento* são, em sua maioria, formas herdadas dessa língua, pela via culta. A forma *-entus*, de caráter mais popular, se mostra improdutiva no latim culto, ao passo que o correspondente português *-ento* torna-se mais produtivo. Essa produtividade, pelo que se percebe nos exemplos, se concentra sobretudo na cunhagem de adjetivos pejorativos muito usuais na linguagem popular informal.

Diferentemente de Said Ali (1964), que faz uma leitura diacrônica, Rio-Torto (2016) apresenta uma visão sincrônica, pautada principalmente, não exclusivamente, nos usos do português europeu. Na mesma seção em que descreve o sufixo *-ento*, a autora faz comentários sobre *-oso* e *-udo*. Vejam-se as palavras de Rio-Torto (2016):

Em função da semântica da base, alguns adjetivos em *-ent-* (*birrento, peçonhento*) significam ‘que causa, que faz’. O contraste entre alguns adjetivos corradicais em *-ent-* e em *-os-*, com *catarrento, catarroso, ciumento* e *ciumoso, piolhento, piolhoso*, parece indicar que *-os-* tem um sentido mais intensivo e/ou expressivo que *-ent-*. De acordo com Teixeira (2009), num estudo levado a cabo sobre a interpretação semântica, por adultos e crianças, de sufixos adjetivadores, *-os-* parece estar associado no PB a um valor mais positivo (*brigoso, cheiroso, gorduroso, gostoso, sebosó*) e *-ent-* a um valor mais negativo (*briguento, gordurento, sebento*) (RIO-TORTO, 2016, p. 253, grifos da autora).

Para além do que se apresenta no excerto apresentado, os apontamentos de Rio-Torto (2016) destacam o funcionamento dos derivados em *-ento* sob três perspectivas: (a) quando selecionam como bases substantivos abstratos, os adjetivos em *-ento* ressaltam os maus hábitos; (b) quando selecionam como bases substantivos concretos, esses costumam designar entidades categorizadas negativamente pelos falantes; (c) quando há concorrência com formações com o sufixo *-oso*, as derivações com *-ento* tendem a ficar no polo depreciativo. Em linhas gerais, pode-se dizer que, sobre o funcionamento de *-ento*, o aspecto negativo/pejorativo/depreciativo não deve ser perdido de vista. Como já dito na seção de introdução, não há da parte de Rio-Torto (2016)

um investimento em maiores explicações sobre a variante *-lento*, ainda que a autora a reconheça como outra forma do mesmo sufixo.

3 Análise construcional de *-lentus/-entus* em língua latina

Os dados de língua latina analisados neste artigo foram extraídos do dicionário latim-português, da Porto Editora (2012). Eventualmente, aparecem críticas aos trabalhos que se valem desse tipo de fonte, no sentido de que não representariam com fidedignidade e totalidade os usos da língua latina. Essas críticas, embora não totalmente impertinentes, esbarram em discussões que fogem ao escopo deste artigo. Há realmente fontes fidedignas? Há realmente uma base de dados suficientemente exhaustiva e esgotante que represente os usos de uma língua em sua totalidade? Não há respostas exatas para essas questões.

Para além disso, o uso desse tipo de fonte neste trabalho se ampara em trabalhos anteriores, como o de Viaro (2011), Freitas (2015), Tavares da Silva (2017) e Simões Neto (2018, 2020), que usaram dicionários bilingües (latim-francês; latim-português; latim-inglês) para a construção da base de dados de língua latina, sem que isso afetasse a qualidade das análises empreendidas. Cabe ressaltar, ainda, que os dicionários de latim, mesmo bilingües, baseiam-se em abonações e servem para orientar os leitores modernos de textos clássicos da literatura em latim. Assim, as definições apresentadas nesses dicionários não são meros frutos da imaginação de lexicógrafos.

Feito o levantamento *verbum ad verbum* no dicionário da Porto Editora (2012), chegou-se a um total de 29 derivados com os sufixos *-lentus/-entus* na língua latina. As formas encontradas estão reproduzidas no Quadro 1, a seguir, que apresenta uma análise morfológica e semântica prévia, em que se reconhecem o significado do derivado, a base da formação e o significado dessa.

Quadro 1: Derivados em *-lentus/-entus* na língua latina

Derivado	Significado do derivado	Base	Significado da base
amāulentus	muito amargo	amārus, -a, -um	amargo
aquilentus	cheio de água	aqua, -ae	água
bucculentus	que tem a boca grande	bucca, -ae	boca
carnulentus	carnudo	carō, carnis	carne
cinerulentus	coberto de cinzas	cinis, -ēris	cinza
corpulentus	corpulento, gordo	corpus, -ōris	corpo
cruentus	cheio de sangue	cruor, -ōris	sangue
ēsculentus	nutritivo	esca, -ae	alimento
faeculentus	cheio de borras, feculento	faex, faecis	borra do azeite ou do vinho
foetulentus	fétido	foetor, -ōris	mau cheiro
fraudentus	fraudento, enganador	fraus, fraudis	má fé, fraude
frustulentus	cheio de pedaços	frustum, -i	Pedaços
jūulentus	suculento	jūs, jūris	suco, molho
macilentus	magro	maciēs, -ei	magreza
mustulentus	cheio de vinho doce	mustum, -i	vinho doce
opulentus	que tem muitos recursos	ops, opis	poder, força, riqueza
pisculentus	abundante em peixes	piscis, -is	peixe
pōulentus	potável	pōcūlum, -i	copo
pōtulentus	embriagado, bêbado	pōtus, -us	bebida
pulverulentus	cheio de poeira	pulvis, -ēris	poeira
purulentus	purulento, cheio de pus	pūs, pūris	pus

sanguinolentus	coberto de sangue	sanguis, sanguinis	sangue
somnolentus	sonolento	somnus, -i	sono
sordulentus	sujo, imundo	sordēs, -is	sujeira
sūculentus	suculento	sūcus, -i	suco
truculentus	muito feroz, ameaçador	trux, trucis	feroz, ameaçador
turbulentus	tempestuoso	turba, -ae	perturbação; multidão em desordem
vīnolentus	embriagado, bêbado	vinum, -i	vinho
violentus	violento, impetuoso,	vis, vis	força, vigor

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Porto Editora (2012).

O primeiro ponto a ser destacado, com base nos dados apresentados no Quadro 1, diz respeito à realização de diferentes variantes sufixais. A Tabela 1, a seguir, quantifica as ocorrências das formas do grupo *-lentus* (*-ulentus*, *-olentus* e *-ilentus*) e de *-entus*.

Tabela 1: Quantificação das ocorrências de *-lentus/-entus* na língua latina

Variantes		Exemplos	QTD	%
<i>-lentus</i>	<i>-ulentus</i>	<i>amāulentus, bucculentus, corpulentus, frandulentus, pisculentus, sordulentus</i>	22	75,86
	<i>-olentus</i>	<i>sanguinolentus, somnolentus, vīnolentus, violentus</i>	4	13,79
	<i>-ilentus</i>	<i>aquilentus, macilentus</i>	2	6,90
<i>-entus</i>	-	<i>cruentus</i>	1	3,45

Fonte: Elaborada pelo autor.

Como se pode ver na Tabela 1, há a ocorrência de apenas uma forma em *-entus*. 96,55% das realizações são do tipo *-lentus*. Isso confirma o que disse Said Ali (1964) sobre os diferentes padrões de produtividade dessas variantes na língua latina. Sobre o *-entus*, o único exemplo encontrado, *cruentus*, é mesmo o citado por Said Ali (1964) e Ernout (1949).

Dentre as formas encontradas no grupo *-lentus*, destaca-se a predominância da realização *-ulentus*, o que estaria de acordo com o que dizem Ernout (1949) e Gallarín (2018), que consideram *-ulentus* o sufixo latino depreendido. Não há evidências, no entanto, de que o *-ulentus* seria um sufixo complexo formado por *-ul-* e *-entus*, como sugeriu Ernout (1949), visto que o *-ul-* operava sobre temas verbais, e esses não aparecem nos dados. Não há também muitos casos de formações ambíguas, em que o sufixo *-entus* tenha operado sobre um radical complexo, terminado em /◆●/, como apontou Gallarín (2018). Entre os dados encontrados, aparecem apenas *bucculentus* (*bucca+ulentus* ou *buccula+entus?*), mencionado por Gallarín (2018), *poculentus* (*pocūlum +ulentus?* ou *pocūlum +entus?*), e *turbulentus* (*turba+ulentus* ou *turbula +entus?*).

Quanto à variação dos segmentos vocálicos que antecedem *-lentus*, parece razoável considerar que *-ulentus* fosse a forma prototípica. É inclusive a mais citada entre os autores consultados. A ocorrência de *-olentus*, embora sirva para aumentar o quadro das variantes sufixais, é, em certa medida esperada, já que não é incomum a variação entre /◆/ e /□/. A ocorrência de *-ilentus*, por outro lado, parece mais esporádica. Não são claros os condicionamentos dessa variação das vogais. Por isso, é mais interessante considerar que o sufixo seja *-lentus*, mesmo sendo extremamente previsível a realização da vogal antes do sufixo.

Outro aspecto morfológico relevante das palavras derivadas expostas no Quadro 1 diz respeito aos radicais das palavras-base. Nota-se que há uma predominância do que se chama, para

⁵ Nesse caso, teria havido uma haplologia.

fins didáticos, de raiz de genitivo: *carnulentus* (**carulentus*)⁶, *cinerulentus* (**cinulentus*), *jurulentus* (**julentus*), *pulverulentus* (**pulvulentus*) e *sanguinolentus* (**sangolentus*). Exceções a essa regra são vistas em *corpulentus* (**corporulentus*) e *foetulentus*, cuja base é *foetor*, mas não se vê **foetorulentus*. O único caso assegurado da variante *-entus*, *cruentus*, é também uma fuga à regra geral. A base primitiva é *cruor*, mas não há **cruorentus*. Não se dispõe, ainda, de explicações para essas ocorrências especiais.

Em relação aos aspectos semânticos, é perceptível, entre os derivados encontrados, a produtividade dos significados sugeridos por White (1858) e Ernout (1949): ‘cheio de’, ‘abundante em’. As diferenças entre esses significados não são muito claras.

O tipo semântico ‘cheio de’ se mostra mais produtivo, aparecendo em 19 derivados. São eles: *aquilentus* (cheio de água), *cinerulentus* (coberto de cinzas), *cruentus* (cheio de sangue), *esculentus* (nutritivo), *faeculentus* (cheio de borra), *foetulentus* (fétido), *fraudentus* (cheio de fraude), *frustulentus* (cheio de pedaços), *jurulentus* (suculento), *mustulentus* (cheio de vinho doce), *opulentus* (opulento, cheio de riqueza), *pulverulentus* (cheio de poeira), *purulentus* (cheio de pus), *sanguinolentus* (coberto de sangue), *somnolentus* (sonolento), *sordulentus* (imundo, cheio de sujeira), *suculentus* (suculento), *turbulentus* (tempestuoso) e *violentus* (violento, cheio de força, vigor).

Nesse primeiro grupo, nota-se que, como bases, há uma predominância de substantivos concretos, de caráter massivo ou conjuntivo, com significados relacionados a matérias/substâncias, como *água*, *cinzas*, *pus*, *sangue*, *poeira*, *sujeira*, *suco*, *borra*, *vinho*, entre outras. É preciso reconhecer, no entanto, a existência de substantivos abstratos entre as bases, com significados relacionados a *fraude*, *sono*, *riqueza*, *vigor* e *perturbação*.

Dois casos que merecem ser destacados nesse primeiro grupo são os de *esculentus* (nutritivo) e *violentus* (violento). A base de *esculentus* é *esca*, que significa ‘alimento’. O derivado não é parafraseável pela ideia de ‘cheio de alimento’, e sim ‘cheio de nutrientes’. Há, nesse sentido, um processo metonímico do tipo CONTETOR/CONTEÚDO, pois alimentos podem conter nutrientes.

Em *violentus*, há um processo metonímico também. A base dessa formação é *vis*, que significa ‘vigor, força’, porém o significado do derivado não se direciona para ‘forte’ ou ‘vigoroso’. Nesse caso, a força é focalizada e exagerada. Isso mostra que, além do procedimento do metonímico, há também uma hipérbole.

O significado ‘abundante em’ é identificado em quatro derivados: *bucculentus* (que tem boca grande), *carnulentus* (carnudo), *corpulentus* (corpulento, gordo) e *pisculentus* (abundante em peixes). Em todos esses casos, a base é concreta e contável, o que não acontece com os concretos do agrupamento anterior. Desses quatro, há de se destacar que *pisculentus* é o mais destoante, porque não remete a partes do corpo, como no caso dos outros exemplos. Vale mencionar também que, em português, o uso dos sufixos *-lento/-ento*, para ressaltar partes do corpo, é pouco comum. Essa função foi assumida prototipicamente pelo sufixo *-udo*, em casos como *peitudo*, *barrigudo*, *bigodudo*, *narigudo* e *bundudo* (SIMÕES NETO, 2020).

Face às diferenças entre o primeiro e o segundo grupo, é possível sugerir que exista uma gradualidade/continuum entre substantivos concretos e abstratos nas bases. Em um extremo, estariam os substantivos concretos contáveis e, no outro, os abstratos. No meio desse continuum, estariam os concretos não contáveis. Essa caracterização da base é, em certa medida, decisiva para caracterizar os deslizamentos semânticos dos derivados.

O terceiro grupo semântico visualizado entre os exemplos do latim são os de adjetivos ressaltados, cuja paráfrase seria ‘que é muito X_A’. Nessas formações, a base é um adjetivo, que é

⁶ O símbolo *, no contexto dos exemplos em parênteses, significa agramaticalidade. Viaro (2014) sugere esse uso, por conta de o tradicional * significar tanto hipótese, no âmbito da linguística histórica oitocentista, quanto agramaticalidade, no contexto da gramática gerativa. Como o uso da linguística histórica é anterior, Viaro (2014) sugere um novo símbolo para sinalizar agramaticalidade. No contexto dos exemplos em parênteses, está sendo sinalizado que eles não existem. São formações agramaticais.

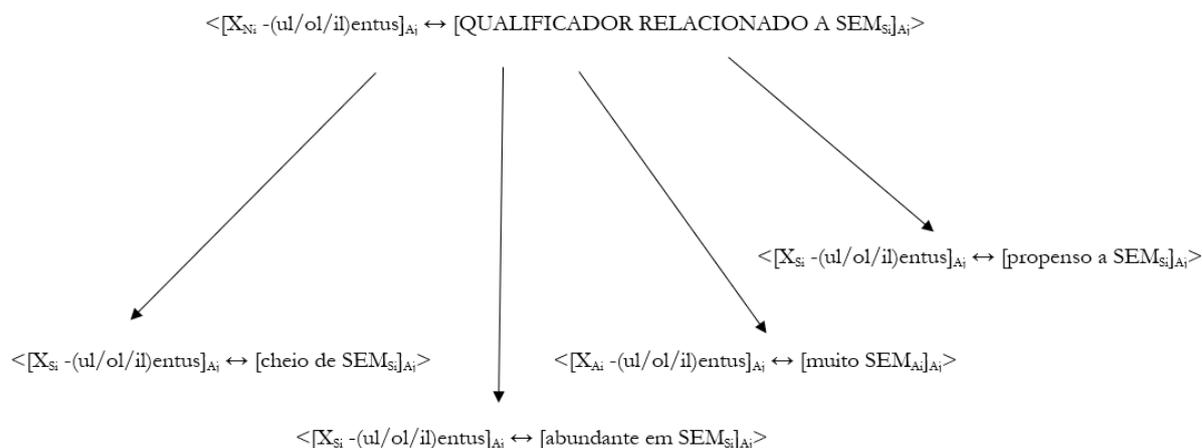
exagerado, por assim dizer, por meio da sufixação. São os casos de: (a) *amārus* ‘amargo’ → *amarulentus* ‘muito amargo’; (b) *trux* ‘feroz, ameaçador’ → *truculentus* ‘muito feroz, ameaçador’.

Por o último, notam-se realizações que podem ser classificadas como ‘propenso a’ ou ‘passível de’. São os casos de *pōculentus* ‘potável, bebível’, *pōtulentus* ‘embriagado, bêbado’ e *vīnolentus* ‘embriagado, bêbado’. Na formação *pōculentus*, a base é *pōcūlum* ‘copo’. Parece haver, nesse caso, uma apropriação metonímica da base, do tipo CONTEÚDO/CONTENTOR. O contentor é tomado na base, mas o significado está relacionado ao conteúdo.

Nos casos de *pōtulentus* ‘embriagado, bêbado’ e *vīnolentus* ‘embriagado, bêbado’, parece haver uma metonímia do tipo EFEITO/CAUSADOR, pois *pōtus* ‘bebida’ e *vīnum* ‘vinho’ são tomadas como bases, mas os derivados estão mais relacionados ao efeito do consumo das substâncias designadas por essa base.

Ao final, sugere-se, como representação da rede construcional do esquema $[[X_N]-(ul/ol/il)entus]_A$ no latim, a esquematização na Figura 1, a seguir.

Figura 1: Esquema e subesquemas $[[X_N]-(ul/ol/il)entus]_A$ no latim



Fonte: Elaborada pelo autor.

Sobre o esquema da Figura 1, é importante mencionar que, embora se reconheçam quatro subesquemas/significados, não se quer dizer que eles não estejam relacionados. A ideia do esquema dominante no topo é justamente sinalizar a conexão. Note-se também que a base atribuída ao esquema dominante foi N (nome), abarcando substantivos e adjetivos. Quando essa distinção entre as classes nominais foi relevante, a especificação se apresentou nos subesquemas.

4 Análise construcional de *-ento* no português arcaico

O paradigma sufixal nominal do português arcaico, do século XIII a meados do século XVI, foi estudado por Soledade (2005), em sua tese de doutorado. Sobre o uso de *-ento* no referido período, Soledade (2005) explica que esse sufixo

opera como formador de adjetivos a partir de bases substantivas e adjetivas com a noção de ‘provido de X’, ‘cheio de X’. Foram encontradas 5 ocorrências na primeira fase, entre elas: *auarento* (A183), *bolorento* (A215), *fedorento* (A791), e apenas uma ocorrência na segunda fase: *fedorentos* (B629).

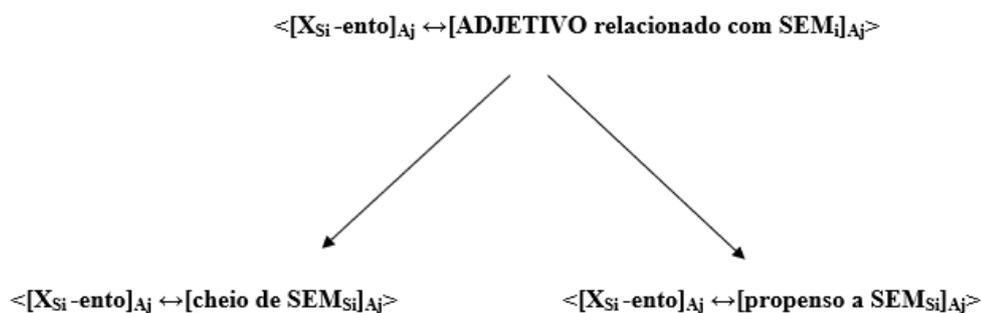
Os adjetivos formados por esse sufixo, não raras vezes assumem um valor semântico pejorativo. Esse valor se deve, a nosso ver, à associação entre os conteúdos semânticos das bases lexicais e o conteúdo do sufixo (SOLEDADE, 2005, p. 236, grifos da autora).

As três realizações encontradas por Soledade (2005) são criações do português. Não se vê, entre os dados da autora, uma polissemia tão complexa quanto a que se viu no latim, visto que a produtividade do sufixo *-ento* no período é baixa. Duas das três formas encontradas pela autora podem ser consideradas como do tipo ‘cheio de’. São os casos de *bolorento* e *fedorento*, em que as bases são *bolor* e *fedor*, substantivos não contáveis.

A outra forma *avarento* tem como base *avaro*, um adjetivo que caracteriza uma pessoa não generosa. O derivado *avarento* tem praticamente o mesmo significado da base *avaro*. Diante disso, parece aceitável que *avarento* seja uma intensificação do adjetivo *avaro*, o que torna esse derivado um bom candidato de realização do subesquema ‘muito A’. Tal como no latim clássico, esse significado não se mostra produtivo no português arcaico e, pelo que se vê na seção 5, não ganha fôlego nos períodos subsequentes da língua portuguesa.

Comentados os dados do português arcaico, os derivados desse período podem ser esquematizados como na Figura 2.

Figura 2: Esquema e subesquemas $[[X_S]-ento]_A$ no português arcaico



Fonte: Elaborada pelo autor.

Ainda em relação aos dados levantados por Soledade (2005), é digna de comentário a ausência de derivados em *-lento*. Com base nas datações fornecidas por Houaiss e Villar (2009), a expressiva maioria das formas sufixadas com a variante *-lento* entrou no português, a partir da segunda metade do século XVI, ou seja, em momento posterior ao português arcaico⁷. Conforme as datações apresentadas por Houaiss e Villar (2009), o único caso de derivado em *-lento* que aparece no período arcaico é *sonolento*, forma herdada do latim *somolentus*, que fora classificado como uma realização do subesquema ‘cheio de’, na seção 3.

⁷ Um dos avaliadores deste artigo, em seu parecer, comentou que, embora a forma *bolorento* tenha, hoje, uma forma estável que facilita a apreensão tanto da base *bolor* quanto do sufixo *-ento*, no século XVI, apresentava variantes como *barolento*, *bolorento* e *borolento*, vistas em dicionário português-latino de Jerónimo Cardoso, o primeiro dicionário de língua portuguesa. O parecerista sugere que as formas *barolento* e *borolento* possam ter sofrido a pressão analógica (nos termos dos neogramáticos) do cultismo latino *-lento* (<*-lentus*>), e se pergunta se a ocorrência de *sonolento* no português arcaico não teria se dado pelo mesmo tipo de pressão. Não há, da parte deste artigo, respostas para tais proposições, embora se acredite que a analogia foi (e ainda é) um processo produtivo na formação de palavras. Certamente, processos analógicos aconteceram no português arcaico. Os dados de Soledade (2005), no entanto, não apresentam evidências que levem à reflexão desse fato.

5 As variantes sufixais *-ento* e *-lento* na história do português: uma análise construcional

Nesta seção, apresentam-se as análises dos dados extraídos do DHELP. Como esse dicionário fornece informações acerca de datação e etimologia, essas serão aproveitadas para empreender algumas reflexões de natureza histórica. Com o intuito de fazer comentários sobre o status de cada variante, optou-se por separar os dados de derivados em *-ento* dos derivados em *-lento*.

Em relação aos derivados-*ento*, ao todo, foram consideradas 200 formas extraídas do DHELP. Apesar de produtivas e transparentes em relação à base, a 100 dessas palavras, não foi atribuída uma datação. Ou seja, não se sabe o momento exato em que essas formas entraram na língua. Esse dualismo ressalta o caráter popular dessas formações, pois, estando muito ligadas à fala ordinária e informal, fica realmente difícil estabelecer com precisão essa datação. É um cenário completamente diferente do que se vê com formas tidas como típicas da linguagem culta, que, por estarem mais ligadas à escrita formal, têm um mapeamento mais facilitado.

Das 200 palavras com *-ento*, apenas duas têm étimo latino, e uma foi transmitida do espanhol. Isso mostra que o desenvolvimento do sufixo *-ento* no português está consideravelmente desgarrado da matriz latina.

As formas advindas do latim foram *cruento* (< *cruentus*) e *sanguento* (< do latim vulgar *sanguinentus*). As duas palavras têm o mesmo significado ‘cheio de sangue’. Lembre-se que *cruentus* foi a única forma em *-entus* vista nos dados do latim, o desenvolvimento português *cruento* data de 1572, período posterior ao português arcaico. Isso explicaria o porquê de essa única forma verificada no latim não ter sido vista no corpus de Soledade (2005).

A forma *sanguento*, por outro lado, data do século XIII (português arcaico). É um desenvolvimento de uma forma do latim vulgar (< *sanguinentus*), o que reforça o caráter popular dos primeiros anos da língua portuguesa. Ao longo dos tempos, *sanguento* foi substituído por *sangrento*, advinda do espanhol arcaico *sangriento*, que, por sua vez, se desenvolveu do mesmo vulgar *sanguinentus*.

Do ponto de vista semântico, o conjunto das formas encontradas na história do português retoma todos os quatro agrupamentos/subesquemas vistos no latim e acrescenta um significado relacionado à ideia de semelhança. Tendo os 200 derivados encontrados se dividido em cinco subesquemas, a distribuição dessa frequência em termos percentuais é apresentada na Tabela 2, a seguir.

Tabela 2: Frequência de esquema e subesquemas [X_N-ento]_A na língua portuguesa

Grupo semântico	Frequência	Percentual (%)
‘Cheio de S’, em que a base S é um substantivo concreto não contável ou um substantivo abstrato	110	55
‘Propenso a S’, em que a base S é um substantivo abstrato, e o derivado é caracterizado pela habitualidade	49	24,5
‘Abundante de S’, em que a base S é um substantivo concreto e contável	24	12
‘Semelhante a S’, em que a base S é um substantivo concreto	14	7
‘Muito A’, em que a base A é um adjetivo, e o derivado indica intensificação	3	1,5

Fonte: Elaborada pelo autor.

Entre os casos do tipo ‘cheio de’, aparecem: *aguacento, areento, bolorento, borralhento, cruento*⁸, *caspento, dinbeirento, enxofrento, farinbento, fedorento, ferrugento, fumacento, garoento, gordurento, lamacento, leitento, lixento, lodacento*⁹, *luxento, manteiguento, marrento, molambento, natento*¹⁰, *nevoento, odiento, olbeirento, peçonbento, poeirento, quizilento, rabugento, raivento, sanguento, sedento, suarento*¹¹, *terrento e visguento*.

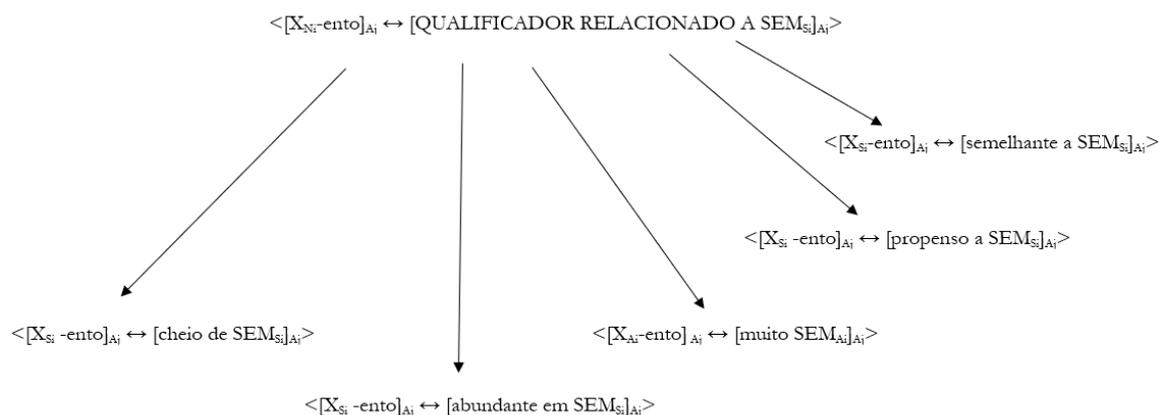
Exemplos de realização de ‘propenso a’ são: *agoniento, preguicento, trapacento, agourento, estrepolento, gafento, chameguento, coceguento, pegajento, algarzarrento, vagarento, asneirento, barulbento, birrento, farofento, fuxiumento, mandinguento, historiento, pirracento, zoadento, ofeguento, rixento, nojento, praguento, rusguento, engulbento, cansacento e nauseento*.

No rol daqueles que foram classificados como ‘abundante em’, estão: *aranbento, bagulbento, calombento, cascalbento, feridento, filbento, folbento, ladeirento, olbento, pedregulbento, piolbento, pulguento, esburaumento*¹², *carrasquento, pulguento e verruguento*.

No âmbito da semelhança, foram alocados os seguintes dados: *amarelento, borrachento, carvoento, cinzento, espelbento, vermelbento alvacento, branquicento, corticento, pardacento, ruivacento, vidrento e vinagrento*.

Por último, os dois casos de intensificados foram *avarento, magrento e manbeirento*. A Figura 3, a seguir, faz um esquema-síntese das formas *X-ento* no português.

Figura 3: Esquema e subesquemas $[[X_N]-ento]_{A_i}$ no português



Fonte: Elaborada pelo autor.

Tal como aconteceu no esquema do latim, na Figura 1, a base do esquema dominante foi considerada o N (nome), e a distinção entre A (adjetivo) e S (substantivo) foi feita somente nos contextos imprescindíveis dos subesquemas.

Em relação às formas com *-lento*, foram vistos 22 derivados no DHELP. São eles: *amarulento, corpulento, esculento, feculentento, flatulento, fraudulento, luculento, lutulento, macilento, opulento,*

⁸ Ressalte-se o aspecto diacrônico dessa formação, uma vez que é herdada do latim, e a base *cruor* já não é depreendida no português.

⁹ Segundo Houaiss e Villar (2009), é o mesmo que *lodoso* ‘cheio de lodo ou lama’. Ainda que exista a forma *lodaçal* ‘lugar cheio de lama ou lodo’, não se sabe a razão para que o segmento morfológico *-aç-* (*-ac-*) tenha aparecido em *lodacento* (d. 1899), talvez por analogia a *lamacento* (d. 1716), que seria um sinônimo, igualmente carente de explicações seguras acerca da presença de *-ac-*.

¹⁰ Base: *nata*.

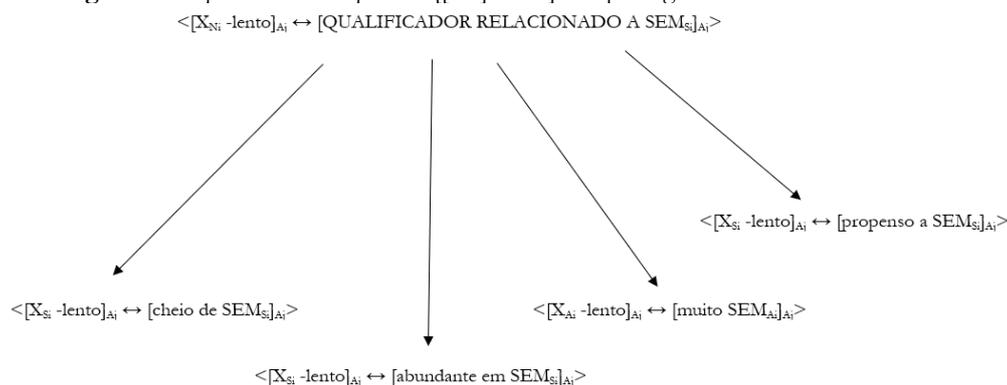
¹¹ Este é um raro caso em que a base da palavra derivada parece ser um verbo. Ainda que a definição de Houaiss e Villar (2009) para *suarento* seja ‘que tem suor, coberto de suor, empapado de suor’, a base não é o substantivo *suor*, e sim o verbo *suar*. Não se sabe, no entanto, se a base inicialmente era *suor*, gerando **suorento*, e a mudança para *suarento* ocorreria posteriormente.

¹² O prefixo *es-* parece um constituinte expletivo, uma vez que não contribui relevantemente para o significado de ‘cheio de buracos’. Talvez tenha atuado a analogia à forma consagrada *esburacado*.

pestilento, purulento, sanguinolento, sonolento, succulento, terrulento, truculento, turbulento, vinolento, violento, virulento e xexelento. Dessas, apenas duas não são heranças latinas. São os casos de *flatulento*, que, como mencionou Said Ali (1964), é um empréstimo do francês, e *xexelento* ('desprovido de qualidade'), cuja base, segundo o dicionário-fonte, é o adjetivo *xexé*, que quer dizer 'de comportamento estúpido ou ridículo'.

Diante disso, pode-se afirmar, com segurança, que o sufixo *-lento* se encontra improdutivo na língua portuguesa, desde a entrada dos primeiros derivados com esse formativo. A rede construcional proposta para esses derivados no português, na Figura 4, não se diferencia daquela que se propôs na Figura 1, para o latim, e serve apenas como um recurso interpretativo, jamais gerativo.

Figura 4: Esquema e subesquemas $[[X_N]-lento]_A$ no português



Fonte: Elaborada pelo autor.

COMENTÁRIOS FINAIS

Neste artigo, discutiu-se o comportamento dos sufixos cognatos *-ento* e *-lento* na história do português. O levantamento e a análise de dados mostram que, na língua latina, a forma *-lentus* (*-ulentus*; *-olentus*; *-ilentus*) era mais produtiva que o *-entus*, situação que se inverteu já na língua portuguesa arcaica.

A forma *-ento* tornou-se produtiva na língua portuguesa, na criação de adjetivos que ressaltam as noções de posse, contenção, intensificação e hábito. Sobre a variante *-lento*, pode-se dizer que aparece somente em formas cultas herdadas do latim, não sendo costumeiro acioná-la para a formação de novos itens lexicais. Isso confirma a ideia de que essas variantes apresentam estatutos morfolexicais distintos no português.

Do ponto de vista semântico, não há significativas diferenças nas redes construcionais de *-ento* e *-lento*, uma vez que são variantes do mesmo sufixo. Nota-se a presença de um subesquema de semelhança no padrão *X-ento*, o que não se vê com *X-lento*. Esse subesquema, entretanto, não goza de produtividade suficiente para marcar uma diferença relevante entre uma variante e outra.

REFERÊNCIAS

BOOIJ, G. E. *Construction Morphology*. Oxford, NY: Oxford University Press, 2010.

- BOOIJ, G. Inheritance and motivation in Construction Morphology. In: GISBORNE, Nikolas; HIPPISEY, Andrew (Ed.). *Defaults in morphological theory*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 18-39.
- COOPER, F. T. *Roman Sermo Plebeius*. New York: University Faculty of Philosophy, 1895.
- ERNOU, A. Les adjectifs latins en '-ōsus' et '-ulentus'. *Collection linguistique*, Paris, v. 54, 1949.
- FREITAS, E. S. S. Aspectos diacrônicos nos estudos sufixais. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 181- 196, 2015.
- GALLARÍN, C. G. *Diccionario histórico de la morfología del español*. Madrid: Guillermo Escolar Editor, 2018.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia Construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CD-ROM.
- OLCOTT, G. N. *Word Formation of the latin scriptions: substantives and adjectives with special reference to the Latin Sermo Vulgaris*. Rome: Sallustian Typography, 1898.
- PORTO EDITORA. *Dicionário Latim-Português*. 4 ed. Porto: Porto Editora, 2012.
- RIO-TORTO, G. Formação de adjetivos. In: RIO-TORTO, Graça et al. *Gramática derivacional do Português*. 2 ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 241-296.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- SIMÕES NETO, N. A. Do latim [[X]-ūtus]_A ao português -[[X]-udo]_A: considerações sobre a trajetória de um esquema morfológico adjetival. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 84-103, 2020.
- SIMÕES NETO, N. A. Morfologia Construcional e alguns desafios para a análise de dados históricos da língua portuguesa. *Domínios de Língua@gem*, Uberlândia, v. 11, n. 3, p. 468-501, 2017.
- SIMÕES NETO, N. A. Os esquemas X-ari- em perspectiva histórica e construcionista: do latim clássico ao medieval. *Estudos linguísticos e literários*, Salvador, v. 61, p. 49-69, 2018.
- SOLEDADE, J. A morfologia histórica e a morfologia construcional: encontros e desencontros. In: SANTOS, E. S. dos; ALMEIDA, A. A. D.; SIMÕES NETO, N. A. *Dez leituras sobre o léxico*. Salvador: EDUNEB, 2019, p. 255-301.
- SOLEDADE, J. Por uma abordagem cognitiva da morfologia: revisando a morfologia construcional. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTANA, E. S. (Orgs.). *Linguística Cognitiva: redes de conhecimento d'aquém e d'além mar* Salvador: Edufba, 2018, p. 345-378.

SOLEDADE, J. *Semântica morfolexical: contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico*. 2005. 575 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Letras de Vernáculos, em Letras, Universidade Federal da Bahia, 2005. 2 t.

TAVARES DA SILVA, J. C. A abordagem construcional nos estudos da morfologia do português: o modelo boijiano em terras brasílicas. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8., n. 2., 2019, p. 109-135.

VIARO, M. E. *A derivação sufixal do português: elementos para uma investigação semântico-histórica*. 2011. 220f. Tese (Livre-docência). Departamento de Letras Vernáculos e Clássicas, Universidade de São Paulo, 2011.

VIARO, M. E. *Etimologia*. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

WHITE, J. T. *Latin Suffixes*. London: Longmans, Green & Co, 1858.